MOURA BRASIL

(Discurso proferido pelo des. Ábner Vasconcelos na sessão solene realizada no dia 11 de Fevereiro, comemorativa do centenário do Dr. Moura Brasil).

O culto do passado é um dos sentimentos mais profundos da humanidade. Os povos sempre tiveram vultos que subiram acima do nível comum dos homens, formando a aristocracia do valor, que é reflexo da inteligência.

Conforme a época histórica em que floresceram, maior ou menor é o número e qualidade dos que se assinalam no tempo pela particularidade com que se distinguiram dos seus semelhantes, empolgando-lhes a admiração e o reconhecimento. Os grandes guerreiros tiveram por excelência o seu clima propício na instabilidade política e quando o espírito de conquista constituía o objectivo supremo das hostes militares.

Depois, a inteligência começou a abrir os largos caminhos que surpreenderam os segredos da natureza, os mistérios da vida e os enigmas do universo.

As ciências, da fase embrionária aos esplendores da actualidade, ostentam nomes de tanta glória, que ficaram sendo marcos luminosos na história — património comum de todos os povos.

Os filósofos, os moralistas, os matemáticos, os naturalistas, físicos, químicos, os grandes perscrutadores do corpo e da alma humana, os jurisconsultos, poetas e músicos, pintores e escultores, formam a legião dos predestinados que fulgem na noite dos tempos, orientando o futuro que se desdobra, em toda sua imensa grandeza, em rumo sempre para o desconhecido, — cheio de surpresas que deslumbram. Desconhecido elevado, nobre e tentador, que desperta os gestos mais abnegados de sacrifícios e re-

núncias dos que só divisam na vida o interesse superior e impessoal do bem colectivo, em prol do qual se buscam as chaves das ciências e desvendam-se os reposteiros que ocultam as belezas de todas as causas.

O belo como expressão e esplendor do que é verdadeiro, segundo o pensamento de Platão, não se aplica restritamente às artes, como síntese da natureza.

Todo ramo do conhecimento tem o seu aspecto particular de encanto científico, porque é uma parte do grande todo que representa a unidade do universo — reflexo da verdade que é Deus!

Na partilha dos bens científicos, que são o acervo activo e permanente dos séculos, não cabe únicamente aos povos de maior civilização a glória de possuir os génios que rasgaram o seio das trevas e enriqueceram o espírito humano da opulência de tantos tesouros incomparáveis.

Embora haja uma predisposição hereditária para a cultura e o desenvolvimento das ciências e das artes, contudo não há privilégio para povos nem continentes.

Pela comunicação do sangue entre todas as raças, que o tracto humano facilita, os cérebros de peso, que orientam e desenvolvem a cultura, surgem em todas as latitudes.

E' que os pilares da sabedoria estão construidos no cerne intelectual de todos os povos.

Salomão na mais alta antiguidade, César no apogeu romano, Agostinho que cintilou dos escombros da civilização africana, Pico de La Mirandola de admirável cultura na sua época, Tomás de Aquino — águia das altas regiões do pensamento, os grandes físicos do século 18; Goethe — génio germânico, Einstein — assombro judaico, Rui — portento cerebral americano — floriram em todos os quadrantes, surgiram distantes em diferentes séculos, sem privilégios de raças.

A glória da inteligência é dom misterioso, dádiva espontânea do destino, para o bem comum.

Os sábios, porém, não são apenas os que desvendam e resolvem os grandes problemas que preocupam às investigações científicas. São também os depositários da sabedoria generalizada, que transmitem às gerações a riqueza desses conhecimen-

tos, através do critério pessoal — fonte de aperfeiçoamento técnico e científico.

Sábios são ainda os que tomam qualquer ramo das ciências e fazem das suas pesquisas a razão de ser da própria vida, às quais muitas vezes se imolam como verdadeiras vítimas. São os grandes especialistas que se voltam para a contemplação construtiva das suas silenciosas preocupações.

* * *

Letourneau, tomando como base da evolução humana o factor moral, dividiu-a em ciclos, a partir do inicial, em que só falavam os instintos, até à fase que qualifica de utilitária ou transformista.

Foi um evolucionista a quem mais preocupou a marcha ascencional da natureza orgânica, subestimando a esfera superior do espírito.

Mas o brilho ofuscante das civilizações, destacando-se na ordem histórica, é determinado antes pelas conquistas do saber, do que pelo relativo aperfeiçoamento da moral materialista, — negativa subterrânea das verdades eternas.

Aprecia-se a evolução, e Maritain está com a razão, através do que a cultura e as civilizações deixaram fixado em suas épocas, como legados da história, que não se apagam da memória dos povos.

As ciências, assim como as grandes ideias que influem nos destinos humanos — factores básicos do desenvolvimento, — são seguros pontos de apoio em que se fixam as fases históricas da humanidade.

Como erro da apreciação filosófica de Letourneau, basta lembrar que depois de instituído o cristianismo, não foi mais lícito falar-se em evolução da moral, estabelecida definitivamente pelo poder divino quando veio sanear o mundo.

Pode a moral dos povos, pela influência das ideias políticas e degradação dos costumes, perder a pureza das suas linhas admiráveis e parecer que, por um momento, decai do seu prestígio multi-secular.

Mas, esses recuos na civilização passam, e volta o ritmo da ética que enobrece os povos.

As leis da história explicam esses incidentes que são manchas que enfeiam o esplendor da cultura humana e mostram a congénita fraqueza da nossa própria natureza.

* * *

Dentre as manifestações da sabedoria, que mais interessam ao homem, avulta a medicina — conjunto de ciências a serviço da nossa conservação orgânica.

Assim como a biologia é a ciência da vida, a medicina é a ciência da saúde.

Os seus profissionais, pela projecção da inteligência e pela penetração do seu poder psicológico, por vezes assumem proporções de tanta grandeza e conquistam de tal modo a admiração dos povos, que ficam emoldurados na estima pública, sobrevivendo ao esquecimento das gerações.

Mais se acentua a permanência dessa memória abençoada, quando o médico alia às luzes opulentas do seu valor técnico o valor moral da modéstia, do desprendimento e do desinteresse.

Assim como há glórias de projecção mundial, há tambem as de âmbito menor, que vão até às restritas raias regionais, sem que diminua o halos da benemerência profissional. O modo da prestação de tão magno serviço é um dos segredos da repercussão da vitoriosa nomeada.

Corneille já dizia que *la facon de donner vaut mieux que ce qu'on donne*. É um dom pessoal, instintivo, esse de conquistar o espírito das massas.

E os clínicos o conquistam sem se aperceber dos gestos generosos com que equilibram a saúde, suprimem o sofrimento e restituem a alegria ao seio das famílias.

Quantos profissionais não permanecem por toda parte enaltecidos na estima das populações, graças aos benefícios que espalharam a mãos cheias, deixando atrás de si altares de gratidão nos corações e lábios que lhes bendizem os nomes pelo tempo a fora!

* * *

O Instituto do Ceará e o Centro Médico Cearense juntam-se nesta expressiva solenidade para celebrar o centenário de um

dos maiores médicos nascidos neste Estado, o Dr. José Cardoso de Moura Brasil.

Pulsa-me o coração de um particular contentamento por esta homenagem de tanta significação cívica.

Se ainda vivesse, aqui estaria António Augusto de Vasconcelos, com a eloquência do seu verbo colorido, a elevar o nome do eminente cearense. Não cederia sómente a um imperativo da justiça social, mas também ao profundo impulso da amizade, do reconhecimento e da admiração. E como se fosse o efeito de uma substituição hereditária, aqui está o filho com a inexpressão da sua palavra a cumprir-lhe um dever póstumo. Aliás, fui também amigo pessoal do grande homenageado, datando a nossa aproximação dos longínquos tempos de minhas águas baptismais...

Poucos cearenses tiveram uma auréola tão viva e duradoura em sua existência e no culto à sua memória, como Moura Brasil.

Sem ter escrito uma extensa obra científica, foi notável pelo sacerdócio de um dos mais delicados ramos da arte médica.

Dotado de grande cultura especializada, posta em relevo no centro universal das ciências que foi Paris na segunda metade do século passado, não teve rival enquanto pontificou, por mais de cinquenta anos, na clínica oftalmológica brasileira.

Observou o conceito clássico, de que *melius est clarum fieri quam nasci.* Se é melhor pelo esforço tornar-se ilustre, que por direito de nascimento, Moura Brasil foi a vontade forte que se ergueu, de obscuro recanto do lado cearense do Apodi, construindo, à custa própria, o nome impericível legado à sua terra.

Não me cabe fazer-lhe a apologia profissional, apreciar o valor da sua cultura e o aperfeiçoamento da sua técnica. Apenas direi dos seus lances de abnegação, de modéstia, de renúncia das suas atitudes, do sacrifício das suas comodidades, — tudo para prolongar o exercício dos seus admiráveis dons operatórios.

Nesse sentido, digo por conhecimento próprio que Moura Brasil, para levar a firmeza das suas mãos abençoadas até aos 82 anos, na prática triunfante da sua clínica — de restituir a

vista aos que a perdiam, privava-se de numerosas cousas agradáveis, do hábito de todo homem civilizado e de conforto.

* * *

Com uma tendência ancestral para a vida do campo, foi sempre um apaixonado pelos problemas agrícolas. Os seus descansos passava-os sempre em sua modelar propriedade rural no Estado do Rio, aperfeiçoando as suas culturas.

Mais de uma vez os governos da República tentaram investí-lo nas elevados funções de Ministro da Agricultura, como reconhecimento da sua competência, oferta que recusou sempre.

A política do Ceará quis fazê-lo Presidente do Estado e Senador Federal, de que igualmente declinou as honras.

Preferia viver na obscuridade das suas preocupações profissionais, seguindo assim o conselho de Ovídio — *bene qui latuit, bene vixit.* Foi um cidadão de actividades privadas voltadas para o bem público, divididas invariavelmente entre a medicina e a vida agrícola.

A Policlínica do Rio de Janeiro, a Academia de Medicina e a Sociedade de Agricultura, fundadas por ele, são grandes instituições nacionais que mostram o pendor do seu espírito e lhe perpetuam o nome.

Fenómeno interessante de psicologia social verificou-se com Moura Brasil.

Vindo ao Ceará em 1875, depois da viagem de aprimoramento de estudos no Velho Mundo, espalhou inúmeros benefícios clínicos entre todas as camadas sociais de Fortaleza e do interior. E estabelecendo-se na Capital do país, nunca mais volveu à terra natal. Nem por isso, viu-se diminuído na estima pública e nem perdeu a popularidade que adquiriu, graças à atracção dos seus dotes pessoais e profissionais.

É que de longe mesmo, não lhe arrefecia o interesse pelas cousas cearenses, nem deixava que o tempo sepultasse no esquecimento as suas relações particulares.

Além disso, o seu lar e o seu consultório — Consulado do Ceará — eram portas abertas a quantos patrícios que precisavam de amparo para vencer na vida ou da mão miraculosa do especilista para lhes restabelecer a luz periclitante dos olhos.

E a volta dos beneficiados à terra comum alimentava a fama constante do benfeitor, trazendo-o sempre vivo no espírito de cada geração.

Cessando-lhe a palpitação da vida, o povo cearense cobriu-se de luto, entrevendo-se em cada coração a tristeza de uma grande perda nacional.

A posteridade começou desde logo o seu trabalho de selecção, delineando os contornos definitivos da sua laureada reputação — abençoada na voz unânime dos cearenses e incorporado às glórias do Brasil, e que acabará por certo, como já vai acontecendo, — desabrochada na beleza perpétua dos Monumentos.

* * *

A glorificação dos que edificaram o seu tempo é uma necessidade imposta pelo património espiritual das nações.

E' um estímulo que enobrece, orgulho para o caracter, justiça que arrebata o sentimento, entusiasmo que eleva as ideias e concorre para as epopeias da inteligência.

Quando for escrita a biografia completa desse grande varão brasileiro, com todas as particularidades que fotografem os extraordinários lances da sua benemerência e desvende as delicadezas panorâmicas da sua grande moral, — então ver-se-á quão justas foram as homenagens que lhe foram prestadas em vida, por ocasião dos seus funerais e na passagem comemorativa do seu centenário.

Quem não conhece e não admira, por exemplo, o vulto histórico de José Bonifácio, o Moço?

Porém os detalhes do seu movimentado drama pessoal, com as duas faces, a pública e a privada, a posteridade ignorava.

A brilhante inteligência do Des. Júlio de Faria, cultura de escol a serviço do Direito e da História, tirou-os do esquecimento, dando ao público brasileiro, com aviventar os traços reais do valor do grande parlamentar, o retrato perfeito e completo que faz convergir para o notável patriota um movimento íntimo de entusiasmo e de admiração.

Sei de mim que, a 17 de Outubro de 1944, em São Paulo, quando terminei a leitura da interessante biografia, e verificando que José Bonifácio falecera na referida Capital, repentina-

mente, a 19 de Outubro de 1886, no dia seguinte a uma sua entrada triunfal na Província, após memorável campanha cívica no Parlamento, — não sopitei o desejo de, no aniversário de seu passamento, ir ao Cemitério da Consolação, numa homenagem singela, porém patriótica, para descobrir-me ante o túmulo humilde que contém os despojos de tão grande cidadão que empolgou a sua época com o deslumbramento da sua palavra mágica, com a riqueza do seu carácter sem jaça, com a coragem do seu patriotismo e com o desinteresse das suas atitudes.

Que exemplo de brasileiro a quem a justiça de uma estátua, que iluminou a cidade, ficou apontando à posteridade o valor do seu herói.

Assim será também quando se escrever a história exacta de Moura Brasil, que mais eleve o espírito e enterneça o coração!

* * *

Antigamente, as glorificações eram preitos que só se realizavam entre as sombras da morte. Era preciso fechar-se o ciclo da vida dos vultos da Ciência, dos que se imolaram por amor da humanidade, para que se proclamassem os seus grandes méritos.

Mas os tempos modernos alteraram a ordem desses aplausos públicos, coroando em vida a fronte gloriosa dos sábios, como directo movimento de gratidão dos seus conteporâneos e dos que se enriqueceram espiritualmente à sua custa, no domínio das investigações científicas.

Moura Brasil teve a fortuna de assistir, no seu jubileu científico, em 1924, toda a eloquência de uma consagração espontânea e ruidosa, cheia de sentimento e de civismo. As mais altas expressões da vida social brasileira associaram-se à demonstração patriótica de glorificar o vulto venerável do retraído cientista. O chefe da Nação, o Parlamento, as Academias, a Igreja, os institutos, os homens de cultura, os miraculados pela sua arte médica, os amigos que não tinham conta e os admiradores que eram todos os brasileiros, — bateram palmas e enalteceram os triunfos do modesto vencedor, elevando-o às culminâncias só conquistadas pelo valor real! Recebeu ele assim a sensação

moral dos benefícios que seus esforços propiciavam, através das afirmações eloquentes dos oradores, expoentes da sua classe e emissários de Estados e instituições, e de numerosos escritos que por toda parte se fizeram a seu respeito.

Era a solvência de uma dívida de reconhecimento nacional. E bem a merecia aquele que no dizer autorizado de Augusto Linhares, notável médico, "laureou-se no estudo, reputou-se no trabalho, singularizou-se no ensino, sublimou-se na caridade, alcantilou-se no exemplo e a si mesmo sobreexcedeu-se no modelo".

O Ceará acompanhou de perto, com o calor da sua gratidão e o brilho intelectual dos seus filhos, as festas comemorativas do jubileu, a que não faltou o carinho dos nossos sentimentos.

Moura Brasil teve em vida a previsão da auréola que, de futuro, cercaria a sua memória, quando seu nome entrasse para o acervo do passado.

Para mostrar a esta selecta assistência quanto era vasta a estima dos cearenses pelo seu eminente patrício, basta referir o epsódio ocorrido no início da República, quando aqui chegou a sinistra notícia telegráfica do seu falecimento.

Foi como se tivesse desabado uma inesperada catástrofe. Em peso a Capital se comoveu, o comércio, unânime, cerrou as suas portas, sobrevieram as reuniões, os alvitres surgiram no sentido das homenagens públicas que deveriam ser-lhe prestadas, inclusive a de um monumento. Em meio à tristeza que avassalava a todos, esplodiu o desmentido alviçareiro, transformando o pesar em alegrias ruidosas! Esse facto foi uma espécie de termómetro a marcar o grau de adimiração pública para com o grande médico, já em pleno fastígio da sua vitoriosa carreira. E grandes cousas teria ele ainda de realizar, aumentando de muito as proporções gloriosas de sua benemerência.

Sábio pelo consenso unânime das maiores sumidades brasileiras, de que deu inequívocas provas de valor científico na Europa, no Brasil e no Ceará; realizador de uma técnica que fez escola e de ensinamentos que fizeram época; impulsionador de factores de produção das riquezas, como apaixonado cultor dos assuntos agrícolas, — devem-lhe as ciências médicas e eco-

nómicas assinalados esforços e iniciativas, êxitos que foram vantagens para os interesses públicos e particulares.

Foram todos esses aspectos da sua longa e profícua actividade, que o tornaram um dos maiores expoentes da vida pública nacional.

Falecendo em 1928, cercado da dedicação dos brasileiros, extraordinárias foram as demonstrações de pesar do povo em geral e, em particular, dos cearenses.

Depois de uma existência vitoriosa, a morte, aos 82 anos, era o desfecho natural do desgaste de tantos labores que frutificaram para o bem geral.

E assim o grande patrício que foi um sábio e um santo e que pelo mundo só espalhou benefícios — entrou para a história coroado de bênçãos e de glória.

*
* *

Nesta primeira etapa secular do seu nascimento, o Instituto do Ceará, que tão grande culto dedica aos vultos insígnes e às salientes realizações do passado, tem a honra de proclamar os méritos invulgares de Moura Brasil, apontando às gerações vindoiras mais um grande nome cearense que se enfileira aos de José de Alencar, Senador Pompeu, Visconde de Saboia, Tristão de Araripe, Farias Brito, Capistrano de Abreu, Barão de Studart, Clovis Bevilaqua e tantos outros que, pelo saber científico, honram ao Brasil e ao Estado.

Glória, pois, ao excelso cearense que se projecta na história como uma das mais altas expressões da cultura, valor moral e da prática edificante dos mais nobres sentimentos de humanidade.

Foi um grande homem entre os mais notáveis do seu tempo.

Palmas e louvores a quem tanto honrou a terra que lhe serviu de berço.

Glória a Moura Brasil!